

# DESVELANDO PROCESSOS FORMATIVOS DAS PRÁTICAS EXTENSIONISTAS EM EDUCAÇÃO POPULAR NA SAÚDE

*Unveiling formative processes of extensionist practices in Popular Education in health*

## Autores

Pedro José Santos Carneiro Cruz. Doutor em Educação. Docente vinculado ao Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba.

E-mail: pedrojosecruzpb@yahoo.com.br

Eymard Mourão Vasconcelos. Pós-doutor em Saúde Pública. Docente aposentado do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba.

E-mail: eymard.vasconcelos@gmail.com

Responsável pela correspondência: Pedro José Santos Carneiro Cruz.

**Recebido em:** 30/05/2019    **Aprovado em:** 24/10/2018

**DOI:** 10.12957/interag.2019.43065

## Artigo

### Resumo

Esse artigo pretende analisar processos formativos de práticas de extensão orientadas pela perspectiva da Educação Popular no campo da saúde. Foi construído com as metodologias da pesquisa documental e da pesquisa bibliográfica, por meio das quais foram levantados depoimentos de estudantes e de ex-estudantes extensionistas, com ênfase em suas percepções acerca dos seus processos de aprendizagem. Como resultados, apontaram-se pressupostos e desafios da

### Abstract

This article aims to analyze formative processes of extension practices guided by the perspective of Popular Education in the health field. It was built with the methodologies of documentary research and bibliographic research, through which testimonials were raised from students and former extension students, with an emphasis on their perceptions of their learning processes. As a result, we pointed out assumptions and challenges of extension in popular education in the de-

extensão em Educação Popular no desenvolvimento de um agir crítico em saúde. Observou-se que a extensão em Educação Popular desvela um espaço mobilizador de uma pedagogia reorientadora da formação em saúde por meio do trabalho social para a garantia do direito à saúde das pessoas. Das dimensões pedagógicas reveladas, destacaram-se: o mergulho na realidade social e em suas complexidades como etapa inicial e essencial; a perplexidade estudantil - diante das experiências - como processo a ser valorizado, acolhido e problematizado. Destacou-se que esse enfoque extensionista demanda espaços reflexivos das emoções e das percepções estudantis diante de sua inserção na realidade. Nesses espaços, podem-se desvelar aprendizados significativos na direção do trabalho em saúde orientado pela integralidade, pela promoção humana e pelo compromisso com os grupos socialmente excluídos.

**Palavras-chave:** Capacitação profissional; Aprendizagem; Relações comunidade-instituição; Educação em saúde.

**Área Temática:** Saúde

**Linha Temática:** Saúde Coletiva

## Introdução

A Educação Popular (EP) configura-se como um paradigma orientador do processo educativo. Sistematizada pioneiramente por Paulo Freire, vem sendo delineada desde os anos de 1950, inicialmente no Brasil e nos demais países da América Latina. Sua abordagem deriva de um conjunto de elementos teóricos e princípios que fundamentam ações educativas.<sup>1</sup> Pressupõe um trabalho pedagógico voltado para a capacitação das pessoas para construção de lutas e enfrentamentos pela vida em condições dignas, como uma estratégia de persistência dos setores populares e seus aliados, que vai se direcionando pela construção de resistências às situações e contextos próprios do sistema capitalista. Como ressalta Eymard Vasconcelos<sup>2</sup>, a EP busca incorporar na constituição do fazer educacional tanto elementos de tradição humanista (como a busca da solidariedade) como dimensões formativas valorizadas pelas ciências sociais da modernidade, as quais apontam para a

development of critical health action. It was observed that the extension in popular education unveils a mobilizing space of a reorienting pedagogy of health education through social work to guarantee people's right to health. From the pedagogical dimensions revealed, the following stand out: the plunge into social reality and its complexities as an initial and essential stage; student perplexity - in the face of experiences - as a process to be valued, accepted and problematized. It was emphasized that this extensionist approach demands reflective spaces of emotions and student perceptions before their insertion in reality. In these spaces, significant learning can be unveiled in the direction of health work guided by integrality, human promotion and commitment to socially excluded groups.

**Keywords:** Professional training; Learning; Community-institutional relations; Health education.

importância do “enfrentamento não apenas das relações pessoais e comunitárias injustas e destrutivas, mas também das estruturas políticas e econômicas geradoras desta injustiça e destruição”<sup>2</sup> (p. 31).

É uma perspectiva que tem orientado de forma significativa a construção de práticas alternativas aos modos autoritários e desumanizantes de fazer, sentir e pensar as realizações pedagógicas. Aposta no processo educativo como encontro mobilizador não apenas de aprendizagens técnicas e de assimilação de conteúdos, mas de construção coletiva de horizontes diferentes daqueles que, socialmente, estejam oprimindo os povos, seus indivíduos e grupos. Assim, a EP busca criar espaços formativos onde mulheres e homens trabalhem pedagogicamente sua ação social e seu protagonismo cidadão e comunitário, fomentando formas coletivas de investigação com a promoção da capacidade de análise crítica das pessoas sobre a realidade e o aperfeiçoamento de suas estratégias de luta e de enfrentamento.<sup>3</sup>

Conforme ressaltam Vasconcelos, Cruz e Prado<sup>4</sup>, a EP vem configurando importante referencial nas formas de fazer e pensar os processos de ensino e aprendizagem no setor saúde, principalmente a partir de experiências de práticas pedagógicas em universidades, secretarias de saúde e outros espaços de gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e também em movimentos sociais. Recentemente, vêm se expandindo estudos sobre o significado da EP na relação entre professores e estudantes de graduação<sup>5</sup>, como também com profissionais de saúde em serviço<sup>6,7</sup> na qualidade de educandos de processos de educação permanente no SUS.<sup>4</sup> A EP na formação de profissionais vai assumindo importância crescente. Esse novo contexto exige aprofundamentos reflexivos e traz peculiaridades que ainda não foram suficientemente estudadas, conforme apontam Vasconcelos, Cruz e Prado<sup>4</sup>.

No atual contexto universitário brasileiro, a prática da extensão universitária orientada pela EP apresenta-se como uma das alternativas para uma formação profissional pautada por um agir crítico diante da realidade social e da constituição de um fazer acadêmico direcionado ao compromisso social e à emancipação das pessoas.<sup>8,9</sup> A Extensão configura pilar acadêmico exercido pela universidade e por membros de diversos espaços da sociedade sobre a realidade objetiva, pressupondo a promoção de atividades educativas, de assistência técnico-científica e de serviços de cunho social. Constitui, na acepção de Melo Neto<sup>8</sup>, um trabalho social que se desenvolve como fenômeno educativo com conteúdo pedagógico derivado de questões da realidade social. Nas palavras desse autor:

[...] concretiza-se como trabalho social útil, imbuído da intencionalidade de pôr em mútua correlação o ensino e a pesquisa. Portanto, é social na medida em que não será uma tarefa individual; é útil, considerando que esse trabalho deverá expressar algum interesse e atender a uma necessidade humana. É, sobretudo, um trabalho que tem na sua origem a intenção de promover o relacionamento entre ensino e pesquisa.<sup>8</sup> (p. 46)

Conforme explicitado em Cruz<sup>10</sup> e Cruz et al.<sup>11</sup>, em todo o país, diferentes iniciativas de diversos atores sociais têm se destacado por buscar no espaço da extensão um lugar profícuo, aberto e fluido para o estabelecimento de trabalhos sociais e iniciativas educativas emancipadoras no contexto universitário. Tais experiências são embasadas nos princípios da pedagogia freiriana, tanto no que tange à ação comunitária e/ou social como no que se refere à forma de conduzir o processo de ensino e de aprendizagem com os estudantes participantes.

O presente artigo tem como objetivo analisar processos formativos de práticas de ex-

tensão orientadas pela perspectiva da EP no campo da saúde. Espera-se contribuir com o aprimoramento de reflexões e debates sobre os caminhos da Extensão como um espaço estratégico e da EP como referencial orientador para práticas e iniciativas formativas<sup>12</sup> no campo da saúde.

## Material e métodos

Esse artigo foi construído com abordagem qualitativa, de acordo com os preceitos de Minayo<sup>13</sup> e Gadamer<sup>14</sup>, valorizando-se a busca pela compreensão dos sentidos de pessoas acerca de suas experiências em trabalhos sociais no âmbito da extensão. Para tanto, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental como metodologias na obtenção de depoimentos de educandos sobre seus processos de aprendizagem para subsidiar a reflexão.

Pela pesquisa bibliográfica<sup>13,15</sup>, recorreu-se ao livro "Perplexidade na Universidade: vivências nos cursos de saúde"<sup>16</sup>, publicado em sua primeira edição em 2006 e com segunda edição em 2015. Tal obra foi selecionada intencionalmente, pois, conforme pontua Vasconcelos<sup>17</sup>, ela é pioneira em trazer à tona os saberes que emergem de um conjunto de estratégias de extensão nas universidades brasileiras compromissadas em redirecionar o ensino de muitos estudantes e gerar práticas criativas e inovadoras de atenção à saúde. Para atingir esse fim, o livro possui um elenco diversificado de histórias sobre vivências no cotidiano acadêmico que marcaram, de modo negativo ou positivo, a formação de estudantes e ex-estudantes, representantes dessa parcela dinâmica da universidade brasileira. A escolha dessa publicação levou em conta seu pioneirismo em valorizar textos dos próprios estudantes, com aprendizados, reflexões e considerações suas acerca da extensão em EP. Ademais, considerou-se como relevante o fato de essa obra deter centralidade no processo de criação da ANEPOP, que é a única rede, em nível nacional, organizada em torno da defesa e do fortalecimento da Extensão em EP, além de ser um coletivo protagonizado preponderantemente por estudantes. Debruçou-se sobre 53 textos dessa obra, contemplando depoimentos de estudantes e de ex-estudantes sobre suas experiências em práticas de Extensão em EP, englobando, nesse total, escritos de pessoas de seis estados e de três regiões do país. Em sua maioria, os autores são protagonistas de projetos vinculados à Rede de Educação Popular em Saúde, à Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP) e a outros grupos e coletivos da área de saúde. Sobre a mobilização dos depoimentos que vieram a compor o livro, Vasconcelos<sup>17</sup> assinala que

foram histórias solicitadas e reunidas com o auxílio de encontros de direções nacionais de estudantes dos diversos cursos do setor saúde e da internet. As inúmeras listas de discussão dos vários setores do movimento estudantil e do movimento de educação popular em saúde foram muito importantes.<sup>17</sup> (p. 15)

No que tange à etapa de pesquisa documental desse estudo, a mesma foi desenvolvida por se considerar a inserção de um dos pesquisadores em um programa de extensão em EP. Por essa atividade, tal pesquisador está sistematicamente envolvido no acompanhamento cotidiano de estudantes em seus processos formativos, bem como tem acesso privilegiado a depoimentos estudantis contidos em relatórios dessa experiência. Pautou-se a pesquisa documental de acordo com os fundamentos de Cellard<sup>18</sup>. Nessa direção, foram utilizados depoimentos de vivências estudantis no Programa de Extensão "Práticas Integrais de Promo-

ção da Saúde e da Nutrição (PINAB)", vinculado ao Departamento de Promoção da Saúde e ao Departamento de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba. O Programa é realizado com as comunidades de Boa Esperança, Jardim Itabaiana e Pedra Branca, localizadas no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa-Paraíba-Brasil, atuando na Unidade de Saúde da Família (USF) Vila Saúde. No período de construção desse manuscrito, entre 2014 e 2016, o desenvolvimento do programa contemplou a inserção de estudantes da área de saúde em práticas de Promoção da Saúde e da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) no contexto comunitário e no campo da Atenção Básica. Nesse período, os educandos atuaram na construção compartilhada de práticas educativas, sociais e comunitárias de EP, juntamente com moradores do território, profissionais de saúde e outros atores sociais locais, em diferentes frentes de ação com grupos operativos tais como: grupo de gestantes, horta popular, horta na USF, Fórum Intersetorial de SAN, Saúde na Comunidade, grupo de caminhada, Terapia Comunitária, grupo de HiperDia, grupo de Saúde Mental, dentre outros.

Entre os documentos pesquisados, consideraram-se sete relatórios produzidos entre os anos de 2007 (ano da criação da experiência) e 2010, período no qual a referida experiência retirou do modelo de construção de seus relatórios os depoimentos estudantis. Em cada relatório, estavam contidos cinco relatos individuais. Os estudantes cujos depoimentos foram considerados atuaram, no mínimo, por um ano na experiência em questão, com oito horas semanais de ação. Além de constarem como referências bibliográficas do presente artigo, os relatórios podem ser acessados publicamente no Blog do Programa ([www.projetopinab.blogspot.com.br](http://www.projetopinab.blogspot.com.br)).

Para a análise dos resultados, procedeu-se com uma análise orientada pela perspectiva fenomenológica. Tal perspectiva foi adotada de modo que o estudo pudesse priorizar, por meio da percepção dos autores dos depoimentos estudados, a identificação dos sentidos que os mesmos constituem sobre suas diferentes experiências e que reflexões e perspectivas as mesmas explicitam para a compreensão da questão geradora da pesquisa.<sup>13</sup> Foi feita inicialmente uma leitura preliminar, na íntegra, de todas as fontes documentais e bibliográficas. Em uma segunda leitura, delimitaram-se as fontes textuais que estavam de acordo com o enfoque do objeto de estudo, qual seja: "os processos pedagógicos das práticas de Extensão em EP e suas contribuições na formação em saúde". Em seguida, executou-se uma terceira leitura, a partir da qual se deu a identificação e organização sistematizada de questões-chave emergentes desse conteúdo, correspondentes às "principais aprendizagens estudantis e os mais relevantes processos pedagógicos" presentes nos relatos. Para cada conteúdo emergente destacado, transcreveu-se o trecho do texto com o conteúdo em questão, o autor e a fonte. Nessa sistematização, procurou-se organizar, da maneira mais detalhada possível: 1) os processos pedagógicos; 2) as reflexões e aprendizados pertinentes; 3) os desafios da formação em saúde a partir da Extensão nas realizações pautadas pela EP.

## Resultados e discussão

### Os processos pedagógicos da extensão orientada pela EP em saúde

Conforme foi demonstrado anteriormente, no diverso cenário acadêmico nacional, as práticas de extensão orientadas pela EP vêm merecendo destaque como uma alternativa metodológica de formação de profissionais, tendo como base uma inserção dos estudantes na realidade das classes populares do país, no campo ou na cidade. Essas atividades

propõem, por meio da ação comunitária, intermediar a formação estudantil, reforçando a relevância da participação da universidade em trabalhos sociais em diferentes territórios e situações sociais.<sup>19,20</sup>

Melo Neto<sup>8</sup> denominou essa perspectiva do fazer extensionista orientado pela EP como “Extensão Popular”. Essa é, portanto, uma designação recente para um tipo de iniciativa extensionista já realizada e aperfeiçoada há muitas décadas, especialmente na América Latina, o qual encontrou na EP a base filosófica, teórica e metodológica para o desenvolvimento de suas ações. Em livros como “Extensão Universitária: uma análise crítica”<sup>21</sup>, “Extensão Universitária, Autogestão e Educação Popular”<sup>22</sup> e “Extensão Popular”<sup>8</sup>, o autor supracitado delimita o conceito de “Extensão Popular” como contraponto às perspectivas extensionistas tecnicistas, mercadológicas e conservadoras. Extensão Popular como uma perspectiva de Extensão promovida e orientada com base nos preceitos da EP.<sup>23</sup>

Na base da concepção de Extensão Popular fundamentada por Melo Neto<sup>8</sup>, há compreensão da Extensão Universitária como um “trabalho social e útil”. Não qualquer trabalho, mas aquele necessariamente orientado por processos educacionais e relacionais, onde o diálogo constitua um pressuposto fundador. Assim, por esse entendimento, a ação extensionista deve se desvelar pelo compartilhamento de conhecimentos entre os entes da comunidade e os da universidade, voltando suas atenções, esforços e dedicações na perspectiva da paulatina construção de exercícios para a emancipação humana, revelados no enfrentamento e na busca pela superação de problemas sociais concretos.<sup>8</sup>

Conforme demonstrado por Cruz<sup>10</sup> a partir de pesquisa documental na lista de discussão de e-mails de uma rede nacional de experiências, a ANEPOP, há experiências e coletivos identificados pelo conceito de Extensão Popular em: Rio Grande e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul; Florianópolis, em Santa Catarina; Campinas e São Carlos, em São Paulo; Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro; Dourados e Campo Grande, no Mato Grosso do Sul; Cuiabá, no Mato Grosso; Belém, no Pará; São Luís, no Maranhão; Fortaleza, no Ceará; Teresina, no Piauí; Natal, no Rio Grande do Norte; João Pessoa, na Paraíba; Recife, em Pernambuco; Aracaju, em Sergipe; Salvador, na Bahia; e Brasília, no Distrito Federal.<sup>10</sup> Isso pode também ser constatado com base na presença do conceito de “Extensão Popular” como referencial em obras publicadas na Paraíba<sup>5,8,24-26</sup>, em Santa Catarina<sup>27</sup>, no Rio Grande do Sul<sup>28</sup>, em São Paulo<sup>29</sup>, e em publicações que reúnem textos de diversos estados, como é o caso dos livros “Perplexidade na Universidade: vivências nos cursos de saúde”<sup>16</sup>, “Educação Popular na Universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP)”<sup>11</sup> e do “Caderno II de Educação Popular em Saúde”<sup>30</sup> do Ministério da Saúde.

No conjunto de experiências de Extensão que se pautam pela EP, há, além da “Extensão Popular”<sup>31</sup>, outras construções e denominações que qualificam e embasam o fazer extensionista freiriano, tais como “Extensão Comunitária”<sup>32</sup>, “Extensão Universitária em Educação Popular”<sup>33</sup>, “Extensão Acadêmica”<sup>34</sup>, “Extensão Crítica”<sup>35</sup> e “Conversidade”<sup>36</sup>.

O processo pedagógico inicial da Extensão Popular é a observação curiosa, atenta e crítica, com a postura de aprendiz, diante da diversidade de sabedorias e práticas presentes no cotidiano popular. A aproximação de comunidades em situação de vulnerabilidade, com essa atitude de aprendiz e valorizadora da observação respeitosa de seus valores, modos de vida e das iniciativas e lutas já existentes, não é usual na vida universitária, em geral marcada por uma postura vanguardista que se acredita ser portadora dos caminhos de melhoria das condições de vida e saúde e que tende a ver essas comunidades principalmente pela ótica da carência.

De acordo com Vasconcelos e Cruz<sup>5</sup>, o aprofundamento desse processo ocorre com a participação estudantil em atividades nas quais os educandos possam conviver cotidianamente e sistematicamente com a comunidade, suas realidades, costumes e, até mesmo, suas contradições, o que exige continuidade e regularidade na presença e na participação.<sup>5</sup> Nas experiências<sup>28</sup>, destacam-se estratégias como visitas domiciliares, participação em reuniões de associações, sindicatos ou organizações comunitárias locais, conversas informais com moradores antigos da região, reconhecimento territorial com protagonistas do local. Outra metodologia relevante consiste nos estágios de vivências em comunidades<sup>26</sup>, em que os estudantes passam vários dias morando na casa de trabalhadores do campo e da cidade. A inserção do estudante ocorre em atividades do dia a dia de grupos populares e suas famílias, desde o cotidiano laboral até os desafios da sobrevivência familiar em contextos de pobreza e as estratégias mobilizadas, também localmente, para enfrentamento e superação dos problemas sociais.

As formas e estratégias de aproximação dos estudantes com o mundo popular variam de projeto para projeto, de acordo com as preferências, circunstâncias locais e oportunidades que surgem. Mas essa aproximação é sempre valorizada e cuidadosamente preparada e orientada por cada um dos projetos. A partir desses diferentes caminhos de inserção estudantil, a vivência prossegue com o engajamento estudantil nas ações sociais existentes nas comunidades e seus territórios; grupos educativos, grupos operativos, cooperativas, campanhas de mobilização, feiras de saúde e cidadania, programas de assistência social permanente, consultoria ou mesmo assessoria para organização popular.<sup>5,25-29</sup>

#### Reflexões e aprendizados sobre os processos pedagógicos da extensão em EP na saúde

Como afirma Brandão<sup>37</sup>, cada vivência, comunicação e experiência pessoal é carregada de aprendizados e de potenciais de aprendizagens. Nas palavras desse autor, aprende-se que

[...] bem mais do que os simples adestramentos dos animais com quem compartilamos o planeta Terra.

Aprendemos não apenas os saberes do mundo natural, mas a complexa teia de símbolos, de sentidos e de significados que constituem o mundo da cultura. Quase tudo o que nós vivemos em nossas relações com outras pessoas ou mesmo com o nosso mundo, como no próprio contato direto com a natureza, pode ser, também, um momento de aprendizado. Podemos estar ou não conscientes disto, mas cada troca de palavras, cada troca de gestos, cada reciprocidade de saberes e de serviços com uma outra pessoa, costuma ser também um momento de aprendizagem. De uma para a outra, as pessoas que se encontram, conversam, dialogam, deixam passar de si mesmos à outra algo de suas palavras, de suas ideias, de seus saberes, de suas sensibilidades. Querendo ou não (mas é melhor estar querendo) estamos, no conviver com outros e com o mundo, nos ensinando e aprendendo.<sup>37</sup> (p. 86)

Nas práticas de Extensão Popular, o mergulho na realidade social tem sido provavelmente a estratégia e condição fundante para desenvolvimento de uma pedagogia universitária orientada pela EP. Os depoimentos analisados apontam a Extensão em EP como possibilidades de os estudantes desenvolverem uma forte experiência de uma vida centrada na

abertura para outras pessoas e grupos sociais diferentes do seu, e no valor da solidariedade social. Dentre os relatos analisados, encontramos evidências<sup>38</sup> que demonstram a força desta experiência em instigar o estudante a conviver e aprender com uma realidade muito diferente da sua. Nessas vivências, são gerados processos de “perplexidade”<sup>16</sup>, conforme denominado por Vasconcelos, Frota e Simon<sup>16</sup>.

A perplexidade constitui um processo com rico potencial pedagógico para a formação estudantil em saúde, exatamente por poder ser desencadeador de um profundo percurso de análise do estudante sobre sua formação e, até mesmo, acerca de seu compromisso social e o sentido de toda sua vida. Nos próximos parágrafos, serão ilustradas algumas vivências geradoras de perplexidades.

Os relatos estudados são ricos em demonstrar histórias e situações nas quais os estudantes se depararam com contextos em que a opressão e a injustiça se mostram com clareza, como apontado no depoimento de Cabral<sup>39</sup>:

Os momentos de conversa com aquelas pessoas eram como um imenso “tapa na cara”, onde eu, cada dia mais, saía de meu “berço de ouro” e ia conhecer a verdadeira realidade em que o mundo se encontra.<sup>39</sup> (p. 15)

Todavia, foram também presentes depoimentos de vivências onde os educandos testemunharam situações sociais com resistências, movimentos e organizações populares de luta e reivindicação por melhoria nas condições de vida. Assim, constataram que existe até alegria e celebração em meio a tanta dificuldade, onde imaginavam haver somente tristeza e lamento. Vejamos o que diz Bandeira<sup>40</sup>:

[...] um dos primeiros impactos que tive foi quebrar a subestimação que tinha em relação ao aprendizado da população de menor renda. Várias vezes, tive prova de que em meio a condições nada favoráveis ao aprendizado, as pessoas recebiam e repassavam conhecimento, sendo capazes, sim, de transformar o meio em que viviam por ações simples. Aprendi então a confiar mais nas pessoas, perceber o amor nas adversidades, enxergar a vida com olhos que alcançam mais longe.<sup>40</sup> (p. 16)

Em seu relato, Cabral<sup>39</sup> afirma que:

Os momentos de discussão sobre a situação do Programa Bolsa Família naquelas comunidades me deixavam, muitas vezes, inquieta, pois, mesmo tão disposta a ajudar, nada me vinha em mente para poder auxiliar as pessoas prejudicadas. Entretanto, depois vi a minha importância dentro do projeto e da comunidade, pois concluí que, se eu fosse atrás dos direitos das pessoas, eu estaria lhes tirando o seu bem mais precioso: a esperança delas lutarem por elas mesmas! Daí, vi que meu dever era provocá-las cada dia mais, para que, deste modo, estas pessoas pudessem se unir e irem em busca de mudanças para a realidade em que se encontram.<sup>39</sup> (p. 15)

Fleuri<sup>41</sup> afirma que o contato pessoal com comunidades populares enseja múltiplas experiências desconcertantes para os estudantes. Em um dos depoimentos estudados, Gomes<sup>42</sup> afirma que uma das mais marcantes experiências que vivenciou em todo um ano de trabalho em comunidades foi quando, aceitando o convite de uma família para o almoço, se encontrou diante da única comida que não suportava. E aí compreendeu que “era muito mais fácil uma pessoa mudar de corrente política ou de opção religiosa do que modificar um hábito alimentar”<sup>42</sup> (p. 140). Outra extensionista lembra de sua impressão ao visitar um barraco de adobe, de uma sala só, sem janelas, onde moravam quatro pessoas que dormiam no chão: “Havia um cheiro tão ruim que não saiu do nariz até hoje”<sup>43</sup> (p. 221). Nessas vivências, o aprendizado deixa de ser centrado exclusivamente em conhecimentos lógicos e sistematizados para passar a incluir e valorizar aprendizados vindos da emoção, sensibilidade e intuição. Aprendizados viscerais.

Em relato sobre sua vivência, Tietzmann<sup>44</sup> apresenta seus conflitos ao trabalhar em um bairro onde as possibilidades e limitações de saúde se mostram diretamente ligadas ao fator econômico-político e, ainda, às dimensões subjetivas e culturais presentes na comunidade. Inquieta-se por verificar que o simples encaminhamento de uma criança ao posto de saúde torna-se uma empreitada impossível para uma mãe que, separada do marido e em conflito com a vizinhança, não tem dinheiro para ônibus nem para comprar o remédio. O desespero, a insegurança e a impotência são sentimentos que emergem nessas vivências, gerando uma reflexão profunda do estudante ao presenciar, de forma contundente, a desigualdade social, a fome, a pobreza econômica e a força fragmentadora de uma cultura individualista.

A perplexidade como processo a ser valorizado, acolhido e problematizado nesse processo pedagógico

Vasconcelos<sup>45</sup> define a perplexidade, no contexto da Extensão Popular, como um momento desestabilizador, permeado de emoções, desconfortos, descobertas, constatações e incômodos, em meio aos quais é oportunizada uma reflexão profunda do estudante sobre si mesmo, seu compromisso social e a organização de sua vida. A partir dessa perspectiva, acredita-se que a perplexidade implique em um processo dinâmico e conflituoso de emoções mobilizadas por experiências onde o estudante conhece e é inserido de modo intenso na realidade em que vive a maioria da população, onde são evidentes múltiplas contradições concretas de injustiças geradas pela exclusão social. Através desse processo, ocorrem reflexões profundas, muitas delas em nível individual, sobre os posicionamentos, valores e compromissos diante do contexto social. Perplexidade como um processo que pode disparar uma abertura para a busca de novos rumos na vida.

E, naquelas visitas que eu fui para “ajudar” ou “ensinar”, tive outro conceito do que realmente eu iria fazer na casa destas pessoas, e eu fui simplesmente aprender, com cada olhar, gesto e com o falar.<sup>46</sup> (p. 21)

A perplexidade abre portas para um aprendizado mais amplo. O andamento desse processo poderá variar de acordo com as singularidades de cada pessoa e com os tempos e amplitudes dos espaços didáticos de problematização e reflexão que cada projeto ou experiência oferece para o compartilhamento, estudo e problematização das vivências. Diz Fleuri:

[...] não há retorno para o mesmo mundo, em uma existência trágica, nem, pelo contrário, a garantia de que ele não se repita. A experiência trágica enseja a imersão em espaços heterogêneos de subjetivação. Quer dizer, suscita a produção de singularidade, a ficção de novos mundos.<sup>41</sup> (p. 254)

Esse processo pode resultar em transformações no que diz respeito ao modo das pessoas encararem a vida social. Os pensamentos resultantes desse confronto com a realidade social das classes populares serão marcantes na produção de subjetividades, contribuindo para a geração de atitudes futuras com perspectivas emancipatórias.

[...] o PINAB [Programa de Extensão] está me dando as ferramentas para aprender a ser um pouco líder, ser crítica quando preciso, ser paciente, saber ouvir melhor as pessoas, a olhar com outros olhos o mundo ao meu redor e a trabalhar em equipe.<sup>47</sup> (p. 18)

Para Vasconcelos<sup>45</sup>, a mobilização gerada pela perplexidade do mergulho estudantil na realidade social, seus processos, vivências e emoções, deve ser seguida e acompanhada de reflexões, pesquisas e iniciativas de ensino que sigam reverberando novos caminhos e desdobramentos transformadores do agir em saúde e do próprio contexto social de atuação. Para Freitas<sup>48</sup>, a vivência proporcionada pela comunidade colabora com uma experiência pedagógica singular e de muita importância:

Com a extensão, passei a me ver como alguém que é detentor de um potencial de mudança... Aprendi que acreditar no poder da educação é possível, desde que se construa a autonomia e que se permita que todos participem deste processo, fazendo assim a inserção... Acreditando que cada um tem como contribuir para o crescimento de todos. A extensão me abriu além do coração e dos olhos, a mente.<sup>48</sup> (p. 23)

## **Desafios da formação em saúde a partir da extensão nas realizações pautadas pela EP**

As vivências geradoras de perplexidades demandam a criação de espaços reflexivos coletivos para acolher as perplexidades, problematizá-las e construir aprendizados a partir delas, o que não é usual no ambiente universitário, sobretudo quando se trata de expressar sentimentos e impressões nebulosas e até confusas. Ao valorizar e problematizar esses aspectos buscam-se respostas para estas vivências marcantes, em um processo contínuo de reflexão, ação, reflexão. Os sentimentos mobilizados precisam ser compartilhados, problematizados, discutidos e refletidos, para serem compreendidos. Evita-se, assim, que se tornem apenas experiências emocionais passageiras. Aprende-se a agir de forma coletiva, participativa e interdisciplinar. A perplexidade se desdobra. Por isso, para que o processo deflagrado resulte em aprendizados significativos, é importante acolher com autenticidade, respeito e amorosidade, a perplexidade estudantil. Teixeira<sup>43</sup> afirma:

[...] a realidade social de miséria, doença, dor, desconforto, fome e injustiça, nos remete ao imponderável do sofrimento humano e nos faz crer que a vida dessa gente precisa ser outra, uma marcha noutra direção. [...] Seríamos nós responsáveis pela criação de um mundo novo, pela revelação de uma outra vida profundamente mais justa, humana e digna? [...] O quanto de ação social e política deveríamos buscar?<sup>43</sup> (p. 223)

Diante desse quadro, a postura de aprendiz dos docentes é fundamental, de modo a re-fazer seus conceitos e conhecimentos prévios a partir da relação com os estudantes, para incentivar também nos próprios estudantes uma atitude de abertura cognitiva.<sup>49</sup>

Há uma pedagogia implícita na Extensão Popular que é muito mais ampla do que os temas debatidos e estudados nos seus espaços formais de discussão. Ela permite que a perplexidade das primeiras inserções na comunidade se torne, de acordo com o pensamento do educador Ivandro Salles, semente de mudança no “sentir, pensar e agir” dos estudantes. Assim, após vivências caracterizadas por reflexões e interações marcantes, muitos estudantes relatam extrapolar a ação acadêmica estudantil para uma atitude de, quando graduados, direcionarem seu trabalho para um agir participativo diante da construção da sociedade. Nessa perspectiva, o relato de Oliveira<sup>50</sup> e Vasconcelos<sup>45</sup> evidencia a repercussão da participação em projetos de Extensão Popular:

Depois das primeiras experiências, fui percebendo que, involuntariamente, aqueles sentimentos que me cercavam e queriam me atordoar foram substituídos pelo desejo de corroborar, de incentivar, de apoiar.<sup>50</sup> (p. 24)

Da compaixão com os membros das famílias acompanhadas vem a luta pela melhoria de suas condições, a percepção da origem social de muitos dos seus próprios problemas pessoais, o contato com os inúmeros constrangimentos políticos e culturais que dificultam a superação das dificuldades, o conhecimento de outros atores sociais envolvidos em lutas semelhantes, a descoberta de suas potencialidades pessoais como ator no jogo social e o encontro, em sua vida, da alegria e fascínio do trabalho coletivo criativo com significância social.<sup>45</sup> (p. 303)

Frente a essas considerações, acredita-se ser possível desvelar um processo no qual se pode formar profissionais de saúde preparados (ou minimamente sensibilizados) para tecer processos educacionais e trabalhos sociais com uma intencionalidade emancipadora diante do desafiador quadro político-social brasileiro. Como assevera Souza<sup>23</sup>, baseando-se nas palavras de Paulo Freire<sup>51</sup>, a extensão pode configurar um espaço e a EP uma abordagem, por meio dos quais se promovam encontros significativos entre pessoas que se debruçam sobre o mundo concreto para humanizá-lo, visando também à própria humanização dessas pessoas e de suas relações sociais.

Assim, acredita-se que a Extensão Popular favorece o estabelecimento de um processo formativo conducente a uma ação profissional que inclui, além do fazer técnico, o desenvolvimento de um trabalho social direcionado para a garantia do direito à saúde, para o aprimoramento do SUS e para o enfrentamento – solidário e coletivo ■ das iniquidades em saúde.

## Considerações finais

Conforme foi possível constatar pelos depoimentos estudados, podemos sintetizar alguns dos principais processos formativos desvelados, discutidos e problematizados ao longo do presente artigo nos seguintes pontos:

A Extensão Popular revela que o mergulho na realidade social é estratégia e condição fundante para desenvolvimento de uma pedagogia universitária orientada pela EP, com o estudante convivendo e aprendendo com uma realidade diferente da sua, preponderantemente encharcada de opressões e injustiças;

2. A perplexidade constitui um processo básico e essencial para essa pedagogia, um momento desestabilizador, permeado de emoções, desconfortos, descobertas, constatações e incômodos, em meio aos quais é oportunizada uma reflexão profunda do estudante sobre si mesmo, seu compromisso social e a organização de sua vida;

A perplexidade precisa se desdobrar. As vivências geradoras de perplexidades demandam criação de espaços reflexivos coletivos para acolhimento, problematização e construção de aprendizados a partir delas. Para tanto, pedagogicamente, deve-se acolher essas demandas com autenticidade, respeito e amorosidade. Os sentimentos mobilizados precisam ser compartilhados, problematizados, discutidos e refletidos, para melhor serem compreendidos.

Considerando tanto as abordagens e intencionalidades educacionais descritas como os relatos de quem as vivenciou, a extensão em EP emerge como perspectiva teórica e prática significativa para a formação em saúde, pois apresenta elementos pedagógicos comprometidos com o desenvolvimento do pensamento crítico e de um agir emancipador nesse campo.

Se, por um lado, é verdade que quaisquer modalidades ou perspectivas de extensão, assim como estágios curriculares e extracurriculares ou pesquisas de campo, podem propiciar o mergulho estudantil na realidade social e, conseqüentemente, um processo de perplexidades, por outro, a valorização, o acolhimento, a análise, a problematização e o aprofundamento pedagógico sobre esse processo são constituintes formativos exercitados e aprimorados pela perspectiva da Extensão Popular.

## Referências

1. CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. Universidade popular: fundamentos, aprendizados e caminhos pela Extensão. In: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro et al. (Org.). Extensão popular: caminhos em construção. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. p. 53-82.

2. VASCONCELOS, Eymard Mourão. As trincheiras na universidade de uma guerra em andamento: a luta para preservar e construir uma sociedade que permita a todos a realização dos anseios fundamentais do coração. In: PRADO, Ernande Valentin do et al. (Org.). Caderno de extensão popular: textos de referência para a extensão universitária. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. p. 27-32.

- 3.** VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação popular, um jeito de conduzir o processo educativo. In: PRADO, Ernande Valentin do et al. (Org.). Caderno de extensão popular: textos de referência para a extensão universitária. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. p. 107-115.
- 4.** VASCONCELOS, Eymard Mourão; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; PRADO, Ernande Valentin do. A contribuição da educação popular para a formação profissional em saúde. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 20, n. 59, p. 835-838, out./dez. 2016.
- 5.** VASCONCELOS, Eymard Mourão; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. (Org.). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2011.
- 6.** VASCONCELOS, Eymard Mourão; PRADO, Ernande Valentin do. (Org.). A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- 7.** BOTELHO, Bruno Oliveira de et al. (Org.). Educação popular no sistema único de saúde. São Paulo: Hucitec, 2018.
- 8.** MELO NETO, José Francisco de. Extensão popular. 2. ed. João Pessoa: UFPB, 2014.
- 9.** FALCÃO, Emmanuel Fernandes. Extensão popular: caminhos para a emancipação. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.
- 10.** CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. Extensão popular: a pedagogia da participação estudantil em seu movimento nacional. 2010. 339 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- 11.** CRUZ, Pedro José Santos Carneiro et al. (Org.). Educação popular na universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2013.
- 12.** OLIVEIRA, Maria Waldenez de et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32, 2009, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2009. p. 1-17. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/processos-educativos-em-praticas-sociais-reflexoes-teoricas-e-metodologicas-sobre>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- 13.** MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- 14.** GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método. Petrópolis: Vozes, 1999.
- 15.** GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- 16.** VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo. (Org.). Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.
- 17.** VASCONCELOS, Eymard Mourão. Apresentando com uma explicação - escutar a experiência estudantil. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo. (Org.). Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 14-16.
- 18.** CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. (Org.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 295-316.
- 19.** PRADO, Ernande Valentin do et al. (Org.). Caderno de extensão popular: textos de referência para a extensão universitária. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.
- 20.** CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; VASCONCELOS, Eymard Mourão. Caminhos da aprendizagem na extensão universitária: reflexões com base em experiência na Articula-

ção Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec, 2017.

**21.** MELO NETO, José Francisco de. Extensão universitária: uma análise crítica. João Pessoa: UFPB, 2001.

**22.** MELO NETO, José Francisco de. Extensão universitária, autogestão e educação popular. João Pessoa: UFPB, 2004.

**23.** SOUZA, Tiago Zanquêta de. A extensão popular em educação ambiental e seus processos educativos. 2017. 305 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

**24.** LACERDA, Dailton Alencar Lucas de; RIBEIRO, Kátia Suley Queiroz Silva. (Org.). Fisioterapia na comunidade: experiência na Atenção Básica. João Pessoa: UFPB, 2006.

**25.** PADILHA, Wilton Wilney Nascimento. (Org.). Relatos e vivências de educação popular: programa ação interdisciplinar para o desenvolvimento social e atenção à saúde na comunidade Maria de Nazaré. João Pessoa: Ideia, 2007.

**26.** FALCÃO, Emmanuel Fernandes. Vivência em comunidades: outra forma de ensino. 2. ed. João Pessoa: UFPB, 2014.

**27.** SILVEIRA, João Luiz Gurgel. (Org.). Liga de saúde coletiva: extensão popular em busca da integralidade. Blumenau: EDIFURB, 2008.

**28.** FLOSS, Mayara; MIRANDA JÚNIOR, Arnildo Dutra de. (Org.). A colcha de retalhos: vivências da liga de educação em saúde. Rio Grande: FURG, 2014.

**29.** SILVA, Anna Carolina Martins; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella; SANTANA, Carmen Lúcia Albuquerque de. (Org.). Com-unidade: experiências extensionistas. São Paulo: Páginas & Letras, 2014.

**30.** BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. II Caderno de Educação Popular em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

**31.** LEITE, Maria Francilene et al. Extensão Popular na formação profissional em saúde para o SUS: refletindo uma experiência. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1569-1578, 2014.

**32.** DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza-CE. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Educação) ■ Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

**33.** SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. Avaliação institucional da extensão universitária na UFPB: a regulação e a emancipação. 2012. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

**34.** JEZINE, Edineide. A crise da universidade e o compromisso social da extensão universitária. João Pessoa: UFPB, 2006.

**35.** TOMMASINO, Humberto et al. Extensión crítica: los aportes de Paulo Freire. In: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro et al. (Org.). Educação popular na universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec; João Pessoa: UFPB, 2013. p. 216-237.

**36.** FLEURI, Reinaldo Matias. Conversidade: interculturalidade e complexidade em contextos educacionais. Saarbrücken: Novas edições acadêmicas, 2013.

**37.** BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio. (Org.). Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 83-92.

- 38.** MENEZES, Larissa Dias. Depoimento individual. In: CARNEIRO, Daniela Gomes de Brito et al. Relatório do Grupo de Idosos. Projeto de Extensão Práticas Integradas da Nutrição na Atenção Básica em Saúde da UFPB. 2007. Disponível em: <http://projetopinab.blogspot.com/p/acervo-de-relatorios.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- 39.** CABRAL, Caroline Sousa. Depoimento Individual. In: CABRAL, Caroline Sousa et al. Relatório do Grupo Bolsa Família. Projeto de Extensão Práticas Integradas da Nutrição na Atenção Básica em Saúde da UFPB. 2007. Disponível em: <http://projetopinab.blogspot.com/p/acervo-de-relatorios.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- 40.** BANDEIRA, Céres Pauliena Fernandes. Depoimento individual. In: BANDEIRA, Céres Pauliena Fernandes et al. Relatório do Grupo Escola. Projeto de Extensão Práticas Integradas da Nutrição na Atenção Básica em Saúde da UFPB. 2007. Disponível em: <http://projetopinab.blogspot.com/p/acervo-de-relatorios.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- 41.** FLEURI, Reinaldo Matias. Formação de profissionais da saúde: reflexões a partir de vivências estudantis. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo. (Org.). Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 231-264.
- 42.** GOMES, Luciano Bezerra. Um almoço especial. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo. (Org.). Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 139-41.
- 43.** TEIXEIRA, Rosângela. Queixadinha - do lado de lá do mundo. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo. (Org.). Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 218-223.
- 44.** TIETZMANN, Marcos. E os pacientes que não vão ao posto de saúde. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo. (Org.). Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 154-159.
- 45.** VASCONCELOS, Eymard Mourão. Formar profissionais de saúde capazes de cuidar do florescer da vida. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo. (Org.). Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 265-308.
- 46.** MASSA, Nayara Moreira. Depoimento individual. In: BANDEIRA, Céres Pauliena Fernandes et al. Relatório do Grupo Escola. Projeto de Extensão Práticas Integradas da Nutrição na Atenção Básica em Saúde da UFPB. 2007. Disponível em: <http://projetopinab.blogspot.com/p/acervo-de-relatorios.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- 47.** RODRIGUES, Laurycelia Vicente. Depoimento individual. In: SILVA, Jousianny Patrício da et al. Relatório do Grupo de Idosos. Projeto de Extensão Práticas Integradas da Nutrição na Atenção Básica em Saúde da UFPB. 2008. Disponível em: <http://projetopinab.blogspot.com/p/acervo-de-relatorios.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- 48.** FREITAS, Monique Bezerra. Depoimento individual. In: FREITAS, Monique Bezerra et al. Relatório do Grupo Mobilização Popular. Projeto de Extensão Práticas Integradas da Nutrição na Atenção Básica em Saúde da UFPB. 2009. Disponível em: <http://projetopinab.blogspot.com/p/acervo-de-relatorios.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- 49.** FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- 50.** OLIVEIRA, Karistenn Casimiro de. Depoimento individual. In: FREITAS, Monique Bezerra et al. Relatório do Grupo Mobilização Popular. Projeto de Extensão Práticas Integradas da Nutrição na Atenção Básica em Saúde da UFPB. 2009. Disponível em: <http://projetopinab.blogspot.com/p/acervo-de-relatorios.html>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- 51.** FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.